



ZOOM



Moto G 3ª Geração  
Colors Dual Preto...  
861.89  
R\$ 952,71

Qual vídeo você procura  

Envie seu vídeo E-mail @R7

Tudo do R7

Vídeos  
Fotos  
Notícias

Login com seu e-mail @R7

E-mail  
Senha

Esqueceu sua senha?

 Mantenha-me conectado

Ignore caso use um computador compartilhado:

Não possui uma conta no R7?

[Cadastre-se](#)

5/11/2015 às 00h40 (Atualizado em 5/11/2015 às 16h02)

## Doença de filha de apresentadora Adriana Araújo pode levar à perda de dedos dos pés

Síndrome congênita rara atinge entre 8 e 20 pessoas em um universo de um milhão de crianças

Eugenio Goussinsky, do R7



Tratamentos são feitos em geral por meio de fixadores externos

Reprodução/Facebook

A hemimelia fibular, síndrome da qual Giovanna, 18 anos, filha da apresentadora Adriana Araújo, da TV Record, é portadora desde o nascimento, ocorre em função de uma má formação congênita da fíbula, o osso lateral mais fino da perna. O outro osso, mais grosso, é a tíbia. Em casos mais graves pode até levar à amputação, segundo especialistas entrevistados pelo R7.

Essa alteração causa em muitas ocasiões a perda de dedos dos pés. E não é relativa a membros superiores. O ortopedista [Fellipe Savioli](#), do Hospital Santa Catarina, em São Paulo, ressalta que há muitas variações na maneira com que essa síndrome se apresenta.

– Existem vários tipos para essa síndrome, ela pode ser completa, quando há falta de um membro, ou pode ser parcial. Há casos em que o paciente pode

aparentar um aspecto normal para o membro e há outros em que a deformidade é grave.

**Adriana Araújo se emociona em depoimento sobre a filha: "A verdadeira guerreira é ela; foi serena, lutadora e venceu"**

Segundo outro especialista, o ortopedista pediátrico Maurício Pegoraro, do Hospital Albert Einstein, atualmente o exame de ultrassom tem todas as condições de detectar a síndrome durante a gestação. E os tipos de tratamento, segundo ele, são muitos.

– O tratamento que a gente mais vê hoje é, dependendo da condição do pé, o que é feito para corrigir a deformidade do pé e alongar a perna. Para isso são utilizados fixadores externos, em que há distratores que vão alongando a perna da criança.

A hemimelia fibular é uma doença rara. [Savioli](#) destaca que, em estudos no Canadá, chegou-se à estatística de que ela atinge entre 8 e 20 pessoas em um universo de um milhão de crianças que nascem.

As causas dessa hemimelia podem vir de fatores genéticos, de problemas de irrigação do feto em relação ao osso ou, em casos mais graves, devido a alguma amputação intrauterina, decorrente de infecção, ou algo similar, conforme afirmou Savioli.

Para Pegoraro, as técnicas e os recursos atuais possibilitam muitas opções de recuperação que fazem com que os médicos tenham muito mais condições de preservar o membro para que uma amputação seja evitada.

– Até existem diagnósticos (de amputação). É que hoje, com tudo que há de tecnologia, equipamentos cirúrgicos, medicamentos para controle da dor, fixadores externos que fazem o alongamento, preserva-se muito mais membros do que se preservava no passado.

Savioli ressalta ainda que a deformidade mais comum é com os joelhos em X, um tocando o outro, e o tratamento pode variar de acordo com o caso.

– Varia do alongamento ósseo, em que há opções muito positivas hoje, mas dependendo da gravidade pode ser necessária até a amputação para ter uma boa qualidade de vida.

Ele explica que, em casos mais extremos, a diferença entre o comprimento das pernas é muito grande, de 10 cm a 12 cm, por exemplo.

– São casos em que o pé está quase próximo do joelho, é algo grave e nestes casos não se consegue um bom resultado porque é preciso fazer um alongamento muito grande. Cada caso é um caso. Há um limite, não é que você consegue o alongamento que você quer.

### **Adriana Araujo fala sobre o tratamento da filha, que fez dez cirurgias em quinze anos**

#### **Superação: menina que nasceu sem testa faz cirurgia para reconstruir rosto**

Savioli afirma que a amputação é uma prática mais comum nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos por causa de questões culturais e de acessibilidade à população com próteses.

– O primeiro ponto é a questão cultural. Os Estados Unidos, por exemplo, são formados por um povo que já passou por guerras mundiais, do Vietnã, etc, em que há uma população muito grande de amputados. É algo muito comum. No Brasil é muito complicado, o paciente chegar ao consultório e você falar que tem de amputar, tem de conversar muito e explicar muito o caso antes. O segundo ponto é a acessibilidade. Aqui o paciente sabe que vai sofrer, para pegar transporte público, para ir a um banco ou ao cinema. Em países desenvolvidos o paciente sabe que vai ter uma vida normal.

**Conheça o R7 Play e assista a todos os programas da Record na íntegra!**